

PENA: CERIMÔNIA TRADICIONAL DE ETNIA MANCANHE NA GUINÉ-BISSAU



<https://doi.org/10.22533/at.ed.305112521012>

Data de aceite: 21/01/2025

Pedro Rui Mendes

Segone N'dangalila Cossa

PENA: TRADITIONAL CEREMONY OF THE MANCNHE ETHNICITY IN GUINEA-BISSAU

RESUMO: O presente trabalho propõe fazer uma abordagem sobre organização religiosa e cultural da etnia Mancanhe da Guiné-Bissau. A proposta do trabalho é contextualizar como seria o processo da organização do ritual religioso chamado “pena”, vinculada ao mundo dos vivos e mortos, baseados nos princípios que regem os valores religiosos essenciais do referido grupo étnico, a partir dos seus costumes, rituais e tradição. Neste sentido, a referida etnia acredita no ritual dos seus antepassados que é muito fundamental na tradição, os símbolos rituais e gestos mágicos que inclui os princípios éticos, valores morais e culturais que a própria etnia faz como forma de cumprir o ritual aos ancestrais. Para tal, o trabalho objetivou-se em compreender e problematizar o ritual de Pena e a relação entre o mundo dos vivos e dos mortos a partir da etnia Mancanhe. E a metodologia usada foi de abordagem qualitativa utilizando a plataforma Google académico

PALAVRAS-CHAVE: Mancanhe, Ritual, Ancestralidade.

ABSTRACT: This work proposes an approach to the religious and cultural organization of the Mancanhe ethnic group in Guinea-Bissau. The proposal of the work is to contextualize what the process of organizing the religious ritual called “penalty”, linked to the world of the living and the dead, would be like, based on the principles that govern the essential religious values of the aforementioned ethnic group, based on their customs, rituals and tradition. In this sense, the aforementioned ethnic group believes in the ritual of their ancestors, which is very fundamental in the tradition, the ritual symbols and magical gestures that include the ethical principles, moral and cultural values that the ethnic group itself makes as a way of fulfilling the ritual to the ancestors. To this end the work aimed to understand and problematize the pena ritual and the relationship between the world of the living and the dead from Mancanhe ethnic group. And the methodology used was a qualitative approach using the Google Scholar platform.

KEYWORDS: Mancanhe, Ritual, Ancestry

CRIOULO GUINEESE

Trabadju na conta manera queta organiza serimónia tradisional de etnia Mancanhe “Pena”, na religion de cultura guineense. Um serimónia cu pertence mundo de guintes bibus, suma kilis tambi muri. Mancanhes fia na serimónia tradicional tambi, é ta fase ess serimónia, suma manera de papia ku guintes ku muri, assim pá pude face utrus tarbadjus de kuras tradicional. Tambi, ess serimónia e tene garandi balur na tradição Mancanhe, e sirbi para ora ku alguin misti sibe utrus tradison qui na pasa ku el, ou familiar, i ta bai kasa de Napena pá pude contal se porbulema.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como foco principal a realidade sociocultural do povo Brames/Mancanhes da Guiné-Bissau, com foco específico a prática da cerimônia “pena”. A Guiné-Bissau se encontra situada na costa ocidental da África, com uma área específica de 36.125 km². O país faz fronteira com o Senegal, ao norte e ao sul com a República da Guiné- Conakry e ao oeste é banhado pelo Oceano-Atlântico. O país conseguiu a sua Independência em 24 de setembro de 1973, mediante uma luta armada de libertação nacional contra o jugo colonial português, que durou mais de onze anos. Administrativamente, a Guiné-Bissau está repartida em oito regiões, a saber: Região de Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali e mais o Sector Autónomo de Bissau.

O povo Mancanhe encontra-se na região de Cacheu, concretamente no sector de Bula, secção de Có, Sector Autónomo Bissau e na ilha de Bolama. Vê-se que o sector de Bula e capital Bissau constitui a zona de maior concentração do povo em questão SANCA (2015, p. 2). É bom lembrar que há uma separação entre religião e política dentro de contexto da estrutura a organizacional da sociedade dos Mancanhes. Os chefes que organizam as comunidades são os mesmo que desempenham papel de líderes religiosos, e atuam como responsáveis pelos rituais praticados no território em que eles governam.

Neste sentido, os Mancanhes têm um laço familiar muito forte de parentesco em que, quando uma pessoa construir a casa, numa localidade sempre costuma chamar outras pessoas para criar uma aldeia e viver uma vida de irmandade. Os Mancanhes é uma etnia que tem como principal atividade econômica pratica agrícola como a horticultura e as mulheres na sua maioria são vendedoras nos mercados dos produtos cultivados por elas.

OBJETIVOS

Compreender e problematizar o ritual de Pena e a relação entre o mundo dos vivos e dos mortos a partir da etnia Mancanhe.

METODOLOGIA

Para realização deste estudo, será utilizada uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1994), “a pesquisa qualitativa responde aos problemas específicos. Ela não se preocupa por obter resultados por meios quantitativos ou estatísticos, mas trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais aprofundado das relações e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à instrumentalização das variáveis”.

RESULTADOS

Para cumprir com o ritual de curandeiro tradicional (pena) na etnia Mancanhe, a pessoa deveria ou pertence uma família em que seus avós, bisavós ou os pais no passado eram curandeiros (Napena), mas, depois que eles/as morreram essa cerimônia é sempre.

Herdada pelos um dos seus filhos/as ou netos/as. Neste sentido, quando essa cerimônia foi apanhada por uma pessoa na família, acontece às vezes o indivíduo começa a adoecer de dores da cabeça, problema cerebral, dificuldade de vida e até o ponto de que se você não sabia se é a cerimônia de pena que está dificultando a sua saúde, e pensando na outra coisa e não tentar procurar muito cedo o que está atrás de você, poderia paralisar ou perder a vida. Para Mendes (2017, p.25), “afirma-se que, na etnia Manjacu, para se tornar Napena (adivinho/curandeiro), a pessoa precisa pertencer a uma linhagem familiar em que, no passado, a avó era curandeira. Após o falecimento dela, a tradição passa para um dos filhos ou netos. Quando uma pessoa é “apanhada”, ela apresenta sintomas como febre constante e dores de cabeça. No caso contrário, o indivíduo pode identificar que o ritual de pena está dificultando a sua saúde e, por isso, deveria realizar a cerimônia. Caso a realização do ritual não aconteça, o indivíduo corre o risco de falecer”.

Se a pessoa precisa saber o que está acontecendo com o problema da saúde ou suspeitar que seja uma cerimônia tradicional, você teve que recorrer a um curandeiro antigo para consultar os espíritos ancestrais e procurar saber do problema, ou o que está atrás de você, se é uma doença espirituais ou não, se fosse pena, ele vai te explicar muito bem de que, os seus antepassados são curandeiros a cerimônia voltasse e você tem que cumprir com a tradição. E a mesma pessoa que vai te indicar o curandeiro antigo que pertence ou deveria amarar linha na mão (petanan petal the caguen) e pingar um pouquinho de cachaça e água aos seus ancestrais e pedir se fosse a cerimônia dos seus avós que está complicando a sua vida a partir de hoje, pode deixar a sua saúde bem tranquila e depois ela vai realizar a cerimônia e cumprir com a tradição dos seus avós.

E a partir desse momento, que a pessoa vai realizar uma cerimônia de fincar panela de barro (*pethoram pena*) que serve para colocar água, e com uma garrafinha de cachaça que vai ficar no canto da casa ou qualquer lugar bem colocado isso significa que, ela vai cumprir com a tradição, mas ainda, não está preparado para realizar cerimônia e também, tudo indica que daqui um ano, ela começa a procurar o dinheiro ou preparação para o início da cerimônia.

Mas pelo contrário, se a escolha for feita por você. Portanto, no caso da rejeição a pessoa escolhida pode continuar a adoecer fisicamente ou ter problema mental, paralisar fisicamente e até pode perder a vida. Mas se caso contrário, a pessoa está preparada para dar início a realização da cerimônia, ele tem que voltar para explicar aquele curandeiro antigo que amarrar a linha na mão de que, ele vai servir como orientador e responsável de tudo assunto que vai ser realizado durante a sua cerimônia de pena. E também, na tradição Mancanhe, pena tem um calendário específico de realização a partir do mês de setembro a janeiro que os Mancanhes chamam (*candjalm*), é um período que aconselhável para fazer esse ritual. se a pessoa vai realizar esta cerimônia, antes de iniciar a preparação, ela tem que procurar um curandeiro antigo que pertence a sua linhagem e conheça as regras para orientar até o fim da cerimônia.

Segundo Fonseca (1997, p.57),

“o lugar da Na-pena na sociedade ele está integrado numa instituição reconhecida e desejada. O Na-pena representa o preferido dos ba-lugum, meritório e digno de confiança. O eleito adquire uma dimensão nova feita do comércio com os ba-lugum. Ele pode entrar em contacto direto com os ancestrais e recebe deles em sonhos mensagens do além codificadas em símbolos. É um mediador único e indispensável entre os vivos e os mortos.

No plano social, ocupa uma posição altamente valorizada. É respeitado, e o mais escutado e é tímido pelos feiticeiros. Ele acede a uma existência social extraordinária. Os ba-pena são portadores de esperança, vital, de fé comunitária e de liberdade”.

Segundo Fonseca (1997, p. 57), “Napena é um curandeiro (a) tradicional que desempenha a tarefa de curas tradicionais, consultas espirituais e tem poder de comunicar com os ancestrais, também de informar os acontecimentos como as tragédias que poderão acontecer no futuro, um sábio religioso”.

Antes de realizar essa cerimônia, a pessoa deveria trabalhar para conseguir o dinheiro que vai lhe servir para compras dos animais, bebidas e outros alimentos que serão utilizados durante a cerimônia. Para passar no processo ritual, tanto homem quanto a mulher, nenhum dos dois pode pegar dinheiro do seu cônjuge. Caso a pessoa não cumprir com essas regras, ou recomendações que foram estabelecidas pelas tradições e a cerimônia foi realizada de forma inadequada, isso significa que o ato será inválido.

A cerimônia sempre é realizada dentro da aldeia. Geralmente, se constrói uma casinha coberta de palha, afastado das casas das pessoas, para que a pessoa esteja lá até o término do processo ritual. Esse lugar é frequentado somente pelos curandeiros. Portanto, durante todo o processo de realização do ritual é proibido aproximação das pessoas estranhas, assim como as pessoas submissas ao processo ritual não podem estar próximas das suas mulheres ou dos seus filhos e se aplica às nessas situações. Também são proibidas aproximações dos cães aos locais da cerimônia porque, se diz que os cães roubam os poderes dos curandeiros.

No primeiro dia da cerimônia de *Kawau Katentch*. Os *Bapene* vão primeiramente para o *Balugum* na casa do futuro *Napene* pedir proteção no decorrer das etapas. As mulheres de sua *Pëboka* (família – singular) irão fazer a comida, pois muitas pessoas virão tomar parte nesta cerimônia. No final da tarde o público e *Bapene* voltam para as suas casas. Já no próximo dia de *Kalund* é iniciado o círculo para outro novo processo da cerimônia, conhecida como *Kalump Iguidjê*. A etapa se repete como na cerimônia de *Kawau Kantetch*, mas já com outra quantia de vinho em inúmeros vasos de tamanhos bem maiores Mendes (2017, p.27).

As condições necessárias para que a cerimônia seja realizada, são: uma cabra, uma galinha, 150 kg de arroz, 50 kg de açúcar, 50 kg de milho preto, feijão, 20 litros de óleo de dendê, 20 litros de cachaça, e outros tipos de vinhos, panos de “pintis” (pano tradicional guineense).

Ainda para o mesmo autor demonstra que:

“para a realização desta cerimônia é utilizado um conjunto de alimentos, nomeadamente arroz, farinha de milho, leite de vaca, caldo de *chebeu*, *manfafa*, inhame, mandioca, banana crua, feijão legumes e *saltão* [...] vivo”. Assim como produtos como: banana madura e crua, batata, mandioca, inhame, *manfafa*, farinha de arroz ou milho, vinho de palma, mel das abelhas, e dinheiro para a compra de peixe, cabra, porco, galinhas e cãesinhos. Cada membro desta *Kaboka* é obrigado a levar, dependendo da sua possibilidade econômica, certa quantia de produtos, se os produtos não corresponderem aos exigidos pelos *Bapene*, estes marcarão um dia até que os faltosos possam entregar os produtos solicitados. Cabe aos amigos do novo *Napene* a guarda responsável dos produtos que foram entregues para realização das cerimônias *Kawau Katentch*, *Kalump Iguidjê* e *Bëpene*, como também os atendimentos aos visitantes. Mendes (2014, p.127-128 apud carlos mendes).

No início da cerimônia, *Napena* com a sua orientadora devem começar a dormir naquela casa e não tem como viajar ou mudar dela, até terminarem a cerimônia. Deste, devem preparar suas comidas no local durante aquele período, com leite de gado e óleo dendê. Antes de tudo, devem matar uma galinha no início para verificar se a cerimônia que irão realizar terá efeito ou não. Depois do início da cerimônia, *Napena* começará a andar nas aldeias com uma pessoa atrás dele (a), com balaio (Pluto/pekar) na cabeça a pedir esmola (apani unhass/peguéan pena) nas diferentes casas, e *Napena* fica de pés descalços e com uma vara na mão como bengala (chama-se pibina).

Sempre que ele (a) chega numa casa, não pode falar com ninguém, só a pessoa que está atrás dele (a) que tem o direito de pedir esmola. Mas, se os dois estiverem a caminho podem conversar. E tudo aquela oferta de esmolas que eles pediram seria utilizado na cerimônia. Depois de uma semana, organizam uma dança tradicional que se chama na língua Mancanhe “ukub¹”, na qual, os anciãos podem participar e muitas pessoas nas aldeias, destarte, serão preparadas diferentes tipos de comidas tradicionais, misturando arroz, milho, leite de gado e óleo dendê, bem como devem preparar comida de feijão com diferentes tipos de mariscos, também serão levados cachaça e outros tipos de vinhos.

Depois de quatro semanas, devem voltar a organizar mais uma dança, no mesmo espaço, e depois da dança, no dia seguinte, devem preparar para uma visita à floresta, com os curandeiros (as) para ensinar o/a futuro curandeiro (a) conhecer as plantas medicinais. Aprende como encontrar as plantas, quais são mais importantes para cura, o momento adequado para ir ao mato para pegar as plantas e como aplicá-las.

Durante toda a ação no mato, considera-se que é um período de estágio para ser futuro curandeiro. Depois de terminar o trabalho na floresta, voltam para aldeia e ele (a) tem que continuar a dormir algumas semanas na sua casinha para terminar os últimos dias. Além disso, *Napena* deve ser ensinado/a como atender e tratar um paciente.

Após esses momentos, que ele/a começa exercer a profissão com a intenção de se comunicar com diferentes deuses, espíritos e pessoas mais experientes, que podem ajudar no seu trabalho. Além disso, o *djambacus* conhece como curar enfermidades das pessoas afetadas por feitiçarias, a adivinhar e encontrar melhores soluções para a saúde dos indivíduos e ajudar na resolução de problemas de várias naturezas, como: procura de emprego, comércio, agricultura, entre outros. Também é capaz de detectar problemas que podem surgir futuramente, auxiliando assim as pessoas dentro das comunidades.

No dia do encerramento, os curandeiros têm que voltar para encerrar a cerimônia e destruir a casinha. Em seguida, organizam a mudança para a antiga casa. Ao regressar a sua casa, se for a mulher, o marido tem que matar uma cabra, com 5 litros de cachaça. Isso serve como presente para homenageá-la e se for o marido a mulher também faz a mesma ação. A partir do momento em que ele/a cumpre todas as condições exigidas, no último dia da cerimônia na sua casa, os sacerdotes *djambacuses* veteranos concedem o grau e o título de sacerdote (a) *djambacus/ Napena*.

A partir do dia que ele (a) inicia o trabalho de cura tradicional, mas o primeiro dinheiro que ele (a) recolher, será dado ao seu orientador (a) da cerimônia, isso seria pagamento ao trabalho que ele/a tinha feito durante todo período da cerimônia. Também, se ele/a emprestava o dinheiro na mão de alguém para realizar a cerimonia, depois de pagar a mestre ele vai trabalhar para recompensar aquele dívida e seguida, começar ganhar o seu benefício.

No dia em que o recém-iniciado é deixado sozinho para realizar o seu trabalho. Esta fase é denominada de agregação, pois corresponde ao momento em que o novo *Napene* retorna ao local de origem para o desempenho da função. Após todo processo árduo, o futuro *Napene* estará apto: a fazer interpretações das falas das divindades para os humanos; curar as mais diversas enfermidades, dentre estas, doenças que a medicina moderna não conseguiu curar. Convém ressaltar que os *Bapene* recebem pacientes não só da etnia manjaco, mas também de outros tantos grupos diversos; pessoas do território nacional ou aqueles que estão além das fronteiras; os que estão no topo ou base da pirâmide social. Mendes (2017, p.3).

Neste sentido, demonstra que *Napena* sempre trabalha para diferentes pessoas, sem distinção de raça, cor de pele ou religião. Ele/a realiza seus trabalhos acreditando no poder do sobrenatural, considerando-o uma forma de tornar seus serviços importantes para os cidadãos.

No caso da doença, quando Sacerdote (*Napena*) recebe um paciente para fazer o tratamento, a primeira coisa que ele/a sempre costuma fazer é consultar os Deuses para saber se pode receber a pessoa e realizar o tratamento. Após receber a resposta dos ancestrais de que poderia curar, *Napena* começa a seguir o tratamento da pessoa, procurando entender a doença. Ele/a faz isso por meio do seu próprio trabalho, com a ajuda de seu Irã (assistentes), aplicando remédios tradicionais, como raízes e folhas de diferentes plantas medicinais, para promover a cura do paciente.

Após o tratamento, Sacerdote (*Napena*) continua atendendo o doente diariamente, com o objetivo de combater a doença o mais rápido possível, especialmente no caso daqueles que estão internados na casa dele. Se o paciente não se interna na casa de Sacerdote (*Napena*), ele/a às vezes vai até sua residência e retorna diariamente ou semanalmente para receber o tratamento, dependendo do critério que *Napena* estabelecer para cada caso.

Depois que o paciente consegue se recuperar com o tratamento ministrado por Sacerdote (*Djambacus*), ele/ está em boa saúde. Ao final do tratamento, o paciente deve contribuir com uma cabra, um pano de pente guineense e cinco litros de cachaça. Esses são os itens que alguns *curandeiros* costumam cobrar, mas, atualmente, a maioria deles opta por cobrar dinheiro no lugar desses objetos.

No caso de uma morte repentina, a etnia Mancanhe sempre recorre ao Sacerdote (*Napena*) como forma de investigar, por meio de seus poderes mágicos, a origem da morte do indivíduo, consultando os ancestrais para descobrir o que aconteceu. Eles procuram saber se a morte foi causada por uma doença comum, por uma pancada de feitiçaria, ou se houve um problema na família da mãe ou do pai que teria originado o falecimento. Se houver uma cerimônia que deveria ter sido realizada e que pode ter causado a morte, isso também será investigado.

“Os Mancanhas acreditam que alma após a morte se encontra provida de grandes poderes e este pode atuar tanto no sentido do bem assim como do mal. E as suas vontades são conhecidas apenas pelas cartomantes (*djambakus*). A alma pode se manifestar na família de diferentes formas como no caso da doença prolongada, acidentes, desgraça constantes ou ainda mortes”. Silá (2019, p.15).

Nessa perspectiva, o Sacerdote (*Napena*) tenta, de todas as maneiras, descobrir a origem da morte através dos seus irãs, com o objetivo de informar a família. Caso não consiga obter nenhuma informação sobre a causa da morte, ele/a orienta as pessoas a buscarem outras formas de saber o que aconteceu.

No caso de trabalho, no passado, quando os nossos avós iam trabalhar em uma fazenda, antes de iniciar a labuta, eles procuravam o (*Djambacus*) para saber se aquele espaço pertencia a algum Irã. Ou seja, eles queriam saber se aquele terreno seria propício para o cultivo e se traria uma boa colheita. Nesse caso, o Sacerdote (*Napena*), por meio de seu trabalho, consultava os deuses para encontrar a solução para o problema e informava a pessoa sobre o que deveria ser feito no local antes de iniciar o trabalho, se é preciso fazer uma cerimônia e pedir boa colheita, djambacus vai explicar o individuo como deveria ser o procedimento legal.

Para Monteiro et al, (2022, p.66), “afirma que djambacus é uma pessoa comprometida com esse desempenho, como orientadores e fazedores da prática premonições, práticas de curas tradicionais principalmente nas comunidades nas algumas etnias guinense. Podemos dizer que, são assuntos que estão relacionados à prática dignosticar as diferentes doenças, e dos problemas que poderão ser visto posteriormente no seio da comunidade”.

CONCLUSÕES FINAIS

Considerando o que foi discutido, pode-se entender que a etnia Mancanhe sempre acredita nos espíritos das suas ancestralidades e as suas crenças se relacionam com o Irã, homens e Ser Supremo. por exemplo, quando a pessoa precisa saber de um assunto que está ligado à tradição religiosa ou um acontecimento muito surpreendente, deva recorrer a *Napena* (sacerdote tradicional) para consultar os seus ancestrais e saber o que está acontecendo. Mendes (2018, p.43), “destaca que o africano é obrigado a recorrer a todos os meios que estão ao seu alcance para sair desse impasse, pois a medicina tradicional é um legado dos seus ancestrais. São perfeitamente normais, para a cultura africana tradicional, que quem não tinha cumprido devidamente as suas obrigações (os ritos determinados pela tradição familiar em relação a seus antepassados) pode sofrer as consequências nefastas, como o desequilíbrio, a doença”.

Neste sentido, o ritual de pena constitui uma grande importância na cultura Mancanhe, sobretudo no que diz respeito ao seu valor e costume que foram conservados pelos antepassados na sociedade Mancanhe. Apesar atualmente existirem muitos sacerdotes (djambacus) que não cumprem as regras tradicionais, alguns estão cobrando preços muito altos pelos tratamentos dos pacientes. Isso significa que há exagero em relação às cobranças, mas é importante salientar que a pena é um ritual muito bonito, com grandes benefícios, Pode-se entender que essa etnia Mancanhe pratica este ato por motivos das crenças.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Domingos da. **Os Mancanha. Editora - Ku Si Mon.** Bairro de Ajuda 1 Fase. C. P. 268. Guiné-Bissau. Ano-1997.

MENDES, Irina. A prática do ucó: **cosmo-ontologia manjaco sobre materialização do corpo na diversidade corporal.** 2018.

Mendes, Virgínio Vicente. **Rituais de iniciação do povo Manjaco da Guiné-Bissau** : Adivinho/Napene e Régulo/Namantch / Virgínio Vicente Mendes. - 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** ed. 21º. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé; GOMES, Peti Mama; DA SILVA, José Manuel Mussunda. Mulheres no feminino: **o poder tradicional como espaço de empoderamento das mulheres africanas.** Odeere, v. 7, n. 1, p. 62-75, 2022.

SILÁ, Aua. O povo Brame ou Mancanha da Guiné-Bissau: **um estudo sobre ritual fúnebre Toca-Choro (Toka Tchur).** 2019.

SANCA, R. J. **Organização e sociedade dos Mancanhas:** um grupo étnico da Guiné-Bissau. 2015.

TÉ, Antonio Abipinte. **O Tronco Linguístico Brâme e seus Subgrupos Étnicos Pepéis, Manjacos e Mancanhas:** Afinidades e diferenças. 2019.